

## Educação de Jovens e Adultos (EJA): A Importância da Alfabetização

*Nathalia Bedran Colavitto*<sup>1</sup>

*Aparecida Luvizotto Medina Martins Arruda*<sup>2</sup>

### Resumo

Esse trabalho teve como objetivo mostrar a importância que o homem tem em estar alfabetizado, atualizado e por dentro das atuais exigências que o mundo vem a exigir. O educador Paulo Freire teve um papel fundamental na história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, pois foi um dos que mais apoiou a causa. Apresenta as dificuldades que os cidadãos tinham na época do início da alfabetização, e os adultos com a alfabetização já no Brasil colônia. Relata que desde as mudanças na sociedade na década de 30, o sistema de ensino de educação começa a se firmar e então a educação básica de adultos começa a estabelecer-se. Analisa o ser humano alfabetizado e seus níveis de evolução em relação à alfabetização, através da utilização dos termos: alfabético funcional, alfabético social e alfabético pleno. E o foco principal - o indivíduo inserido na sociedade plenamente alfabetizado, os benefícios que isso traz para a sua vida, fazendo com que o torne um cidadão participativo de seus deveres e direitos.

### Abstract

This work aimed to show the importance that man has to be literate and updated within the current requirements that the world is demanding. The educator Paulo Freire had a key role in the history of Youth and Adults (EJA) in Brazil because it was one of the fastest supported the cause. Presents the difficulties that the citizens had the time of early literacy, and adults with literacy already in colonial Brazil. Reports that since the changes in society in the 30s, the education system of education begins to take hold and then the adult basic education begins to settle. Analyzes the literate human beings and their levels of evolution in relation to literacy through the use of the terms: functional alphabetic, full alphabetic letter and social. And the focus - the fully inserted into individual literate society, the benefits it brings to your life, causing become a participatory citizen of their rights and duties.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Jovens e Adultos. Cidadania.

**Keywords :** Literacy. Youth and Adult. Citizenship.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Administração e Ciências Contábeis de São Roque, 2013.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela UNISO/SP; Especialização em Gestão Escolar pela UNICAMP e Didática do Ensino Superior pela UNINOVE; Pedagoga e Pós-Graduada em Supervisão Escolar, Direito Educacional e Gestão Escolar. Professora da FAC São Roque.

## INTRODUÇÃO

A escolha deste tema se deu após a leitura que do livro de Paulo Freire “A importância do ato de ler”, achei-o interessante e desde então comecei a pesquisar e interessar-me cada vez mais sobre a alfabetização de adultos e descobri o assustador número de analfabetos em nosso país.

Esse trabalho tem como objetivo geral, conhecer os motivos que traz tantos adolescentes para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), e assim visando pesquisar as possíveis soluções para este problema, já que a taxa de conclusão do Ensino Fundamental na idade correta é muito baixa, e também verificar se a falta de qualidade do sistema de ensino traz consequências, que possam levar os adolescentes a se matricular na EJA.

Foi usada como teoria principal, a experiência e dedicação do educador e filósofo Paulo Freire, e assim a sua visão de educação e métodos para alfabetização.

Paulo Freire elaborou uma proposta de alfabetização de adultos, cujo método de alfabetização era passado com muito cuidado, carinho e dedicação pelo educador, e assim, fazendo com que todos enxergassem a importância de alfabetizar-se.

É importante tentar descobrir uma forma resolver os problemas que levam tantos jovens a desistirem de estudar, e saber o que os levam a procurar a escola novamente, mais tarde. Isso é um trabalho grande, que envolve o Ministério da Educação, Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, gestores e, é claro, os professores também, que precisam preparar-se para essa realidade.

O trabalho de pesquisa foi dividido em três capítulos, onde o primeiro, “A história da Eja no Brasil”, relata a trajetória da educação, desde a década de 30, onde a Educação de Jovens e Adultos começa a ganhar o seu lugar, ao desenrolar fala sobre a importância que Paulo Freire teve para essa metodologia de ensino e de sua passagem por Angicos, onde mostrou que quando existe vontade é possível fazer um bom trabalho de alfabetização, mostrando também um pouco da atualidade dessa modalidade no nosso país.

No segundo capítulo que tem como título: “O ser humano alfabetizado”, fala sobre o quanto é importante a educação na vida do homem, para que esse possa manter-se incluído na sociedade como um ser participativo, e que ler e escrever é uma das principais ferramentas para mantermos o contato com o próximo. Também é relatado a alfabetização e seus diferentes níveis, que mostra que em cada um o ser humano é capaz de desenvolver-se de um modo, até chegar na alfabetização plena, que é quando além de ler e escrever o mesmo já consegue compreender.

No terceiro e último capítulo, “A importância da alfabetização na inserção social do indivíduo: limites e possibilidades”, fala da importância da alfabetização na inserção social do indivíduo: limites e possibilidades, mostrando o quanto a educação formal é necessária para a vida de todos os homens, pois somente dessa maneira somos capazes de conhecer os nossos direitos e assim se preciso brigar por eles, pois de nada adianta saber que direito e deveres existem se não podemos fazer nada para colocá-los em prática. Mostra que alfabetizar-se é ser livre, é poder fazer com excelência tudo que essa nova sociedade exige de cada um de nós, pois se não passarmos pela educação no âmbito escolar, ficamos cada vez mais pra trás, até um dia não poderemos mais sermos enxergados, pois aqueles que buscam o conhecimento esta á um passo grande de todos aqueles que pela educação se quer passou.

E assim finalmente acredito que esse trabalho trará uma grande contribuição acadêmica aos professores, pois mostra o quanto a alfabetização é importante, e a necessidade de todos se unirem para que o número de jovens e adultos analfabetos possa diminuir.

## **1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO BRASIL**

A história da EJA insere-se num cenário econômico, social e político, onde a relação entre educação e trabalho está normalmente ligada uma a outra, tendo um público de trabalhadores jovens que procuram pelo primeiro emprego e também os trabalhadores aposentados. Ela começa a ter uma maior procura devido às necessidades políticas e exigências de uma nova sociedade.

A partir da década de 30 a educação de adultos começou a ganhar o seu lugar na história do Brasil, devido às grandes transformações na sociedade brasileira.

A história da EJA no Brasil passou por várias etapas, tentando conquistar o seu lugar e ganhar o devido reconhecimento na educação básica brasileira

### **1.1 INÍCIO**

Na antiga Grécia começa a ser o berço da pedagogia “paidagogo” significa aquele que guia a criança, no caso, o escravo que vem acompanhar a criança à escola.

De maneira geral a educação grega está persistentemente centrada na disposição total do corpo e do espírito.

A educação no Brasil passou por várias etapas, observando-se que a Educação de Jovens e Adultos não é recente no país, pois, verifica-se que desde o Brasil colônia, quando se falava em educação para a população não infantil, fazia-se referência à população adulta, que precisava ser catequizada para as causas da santa fé.

A educação básica de adultos começou a estabelecer seu lugar através da história da educação no Brasil, a partir da década de 1.930, pois devido às várias transformações e mudanças na sociedade, o sistema de ensino começa a se firmar.

O crescimento da industrialização começou a exigir mais da população, a oferta de ensino era de graça e atendia diversos setores sociais e não mais só os burgueses.

Todo esse crescimento, essas mudanças e facilidades fizeram com que uma grande parte da população se interessasse mais pela educação.

Em cada década ocorriam mudanças, com visões de diferentes governos e professores, mas sempre dispostos a ajudar a todos, não se importando com a classe social.

Na década de 1.930, o único interesse do governo era alfabetizar as camadas baixas. Um período em que ocorreram muitas mudanças na educação de jovens e adultos foi na década de 1.940, pois houve grandes iniciativas políticas e pedagógicas.

Em 1.945 com o fim da ditadura de Vargas, o país começou a viver uma grande ebulição política, e certamente isso fez com que a sociedade passasse por grandes crises. Foi um momento que surgiu muitas críticas aos adultos analfabetos, fazendo com que muitas dessas pessoas desanimassem, e parassem de acreditar na possibilidade de existir um ensino de qualidade.

Toda essa luta, garra e dedicação por uma educação de qualidade para todos, fez com que a educação de adultos ganhasse destaque na sociedade.

A partir daí, a educação de adultos assumida através da campanha nacional do povo começou a mostrar seu valor. A campanha de educação lançada em 1.947 buscava uma ação que previa a alfabetização em três meses, para depois seguir uma etapa de ação voltada para a capacitação profissional e para o desenvolvimento comunitário.

Através da campanha de Educação de Adultos, abre-se a discussão sobre o analfabetismo e a educação de adultos no Brasil.

Um enorme preconceito era mantido em relação aos analfabetos, discriminando-os como seres incapazes não só socialmente, mas psicologicamente também. Por serem analfabetos não tinham direitos econômicos, políticos e jurídicos, não tinham acesso ao voto, eram explorados no trabalho, pois não tinham conhecimento e cultura.

Com a campanha essa visão preconceituosa foi mudando e fez com que os analfabetos fossem vistos como seres “normais”, capazes de adquirir conhecimento e cultura.

Estudos da psicologia mostraram que a capacidade dos adultos aprenderem não era menor que das crianças, e certamente isso também fez com que o preconceito fosse diminuindo, dando espaço a um novo olhar para essas pessoas.

Segundo Paulo Freire:

Alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Com efeito, ela é o domínio dessas técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escreve o que se entende. (...) Implica uma auto formação da qual se pode resultar uma postura atuante do homem sobre seu contexto. Para isso a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, apenas ajustado pelo educador. Isto faz com que o papel do educador seja fundamentalmente diálogos com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhes os meios com que os quais possa se alfabetizar. (FREIRE, 1989, p.72)

No fim da década de 50, surgiram críticas à Campanha de Educação de Adultos, feitas e lançadas em todos os aspectos da campanha, tanto voltada para a área administrativa, financeira quanto à orientação pedagógica.

Mas todas essas críticas serviram para que um novo olhar sobre as dificuldades do analfabetismo fosse dado, e assim uma nova proposta pedagógica para a educação de jovens e adultos foi lançada, cujo educador principal foi Paulo Freire.

No começo, mesmo com a sua ação consciente no trabalho de alfabetização, houve dificuldades, pois veio o golpe militar de 1.964 que causou uma ruptura em seu trabalho, pois toda a experiência do educador, a conscientização e proposta para as possíveis mudanças, foram vistas como ameaça pela “revolução”

Em 1.967 foi lançado o Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização, que, no início visava atender analfabetos de 15 a 30 anos, objetivando o termo de “alfabetização funcional”, ou seja tinha como foco ensinar a ler e a escrever.

Para Bello:

O projeto MOBREAL permite compreender bem essa fase ditatorial por que passou o país. A proposta de educação era toda baseada aos interesses políticos vigentes na época. Por ter de repassar o sentimento de bom comportamento para o povo e justificar os atos da ditadura,

esta instituição estendeu sobre seus braços a uma boa parte das populações carentes, através de seus diversos programas. (BELLO, 1993, p.38)

Na década de 70 o Mobral se expandiu, e em 1.985 teve seu fim, dando lugar à Fundação Educar, que tinha como objetivo apoiar técnica e financeiramente as iniciativas de alfabetização existentes.

Com a promulgação da Constituição de 1.988, o Estado amplia o seu dever com a Educação de Jovens e Adultos.

De acordo com o artigo 208 da Constituição de 1.988 “O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de: ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria”.

É então na década de 90 que a Educação de Jovens e Adultos consegue estabelecer uma nova política, onde ganha novos métodos para trabalhar com criatividade, a fim de fazer com que jovens e adultos que tiveram uma vaga passagem pelas escolas, tenham uma nova oportunidade de inserir-se na educação e, assim permanecendo, venham a ganhar cultura, conhecimento e incluam-se no mercado de trabalho.

Assim, para Guiomar Namó de Mello:

A universalização do ensino elementar, a garantia de domínio dos códigos básicos de leitura e escrita e a superação do fracasso escolar terão que ser por nós enfrentados de forma tal que o propósito conteúdo do ensino, receba tratamento adequado ao mais pleno desenvolvimento cognitivo. Não se trata mais de alfabetizar para o mundo no qual a leitura era privilégio de poucos ilustrados, mas sim para contextos culturais nos quais a decodificação da informação escrita é importante para o lazer, o consumo e o trabalho. Este é um mundo letrado, no qual o domínio da língua é também pré-requisito para a aquisição da capacidade de lidar com códigos e portanto, ter acesso a outras linguagens simbólicas e não verbais, com as da informática e as das artes. (MELLO, 1993, p.28)

É nítido verificar e perceber que a EJA pretende formar pessoas com conhecimentos igualitários e fazer com que a educação seja valorizada.

Mas, no meio de tantas dificuldades, verifica-se que os problemas para efetivar a Educação de Jovens e Adultos com qualidade, estão mais relacionados aos métodos e incluem

os problemas de qualificação de professores, a carência de materiais adequados e tantas outras coisas que fazem com que aqueles que realmente necessitam, acabem não conseguindo acompanhar os estudos.

## **1.2 PAULO FREIRE E A EXPERIÊNCIA DE ARANHA**

Paulo Freire foi um grande educador e filósofo brasileiro e, junto com uma equipe de educadores, se dedicou à Educação de Jovens e Adultos a fim de provocar mudanças sociais. Ele lutou para mostrar que a alfabetização é essencial para o conhecimento em geral, principalmente para a própria pessoa, para a compreensão do mundo e da importância que as pessoas têm no mundo e que com a leitura (alfabetização) podemos participar de sua transformação.

A ideia de Paulo Freire era que a escola tinha que ensinar o aluno a “ler o mundo”, pois somente sabendo a realidade do mundo e da cultura em que vive é possível ir atrás de melhorias, sendo assim para obter transformações é preciso inserir-se na realidade em que se vive.

Segundo Aranha,

Ao longo das mais diversas experiências de Paulo Freire pelo mundo, o resultado sempre foi gratificante e muitas vezes comovente. O homem iletrado chega humilde e culpado, mas aos poucos descobre com orgulho que também é um “fazedor de cultura” e, mais ainda, que a condição de inferioridade não se deve a uma incompetência sua, mas resulta de lhe ter sido roubada a humanidade. O método Paulo Freire pretende superar a dicotomia entre teoria prática: no processo, quando o homem descobre que sua prática supõe um saber, conclui que conhecer é interferir na realidade, daqueles que até então detêm seu monopólio. Alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra. (ARANHA, 1996, p.209).

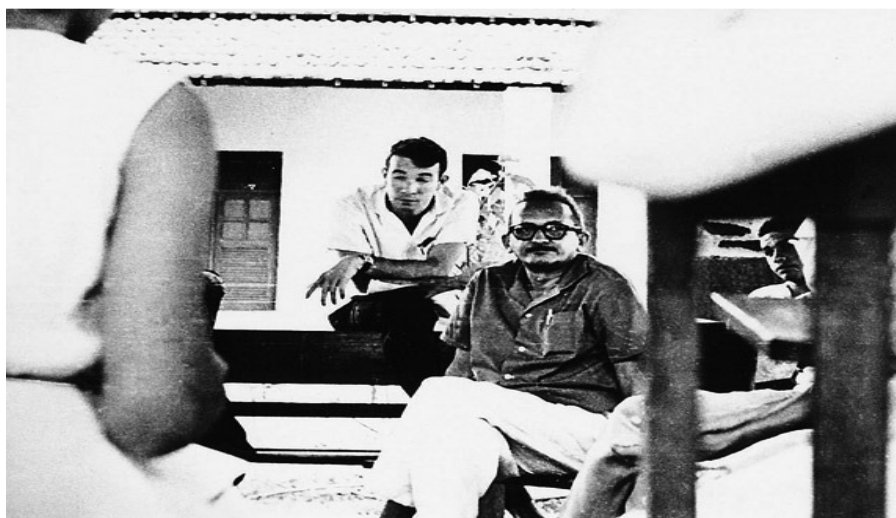
No início dos anos 60, o pensamento pedagógico de Paulo Freire inspirou os principais programas de alfabetização e educação popular. Esses programas foram analisados e compreendidos por várias pessoas, de vários ramos profissionais e sociais como: estudantes, intelectuais, católicos, grupos populares e também por diversos grupos de educadores que queriam o apoio do governo federal.

Em 64 foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização que, orientado pela proposta de Paulo Freire, previa o programa de alfabetização para todo o Brasil.

Nesse sentido, quando falamos “em adultos em processo de alfabetização” no contexto social brasileiro, nos referimos a homens e mulheres marcados por experiências de infância na qual não puderam permanecer na escola pela necessidade de trabalhar, por concepções que os afastavam da escola como de que “mulher não precisa aprender” ou “saber rudimentos da escrita já é suficiente”, ou ainda, pela seletividade construída intimamente na rede escolar que produz ainda hoje itinerários descontínuos de aprendizagens formais. Referimo-nos a homens e mulheres que viveram e vivem situações limite nas quais os tempos de infância, foi via de regra de trabalho e de sustento da família. (MOOL, 2004, p.11)

Ele elaborou uma proposta de alfabetização de adultos conscientizadora, cujo princípio básico era: a leitura do mundo precede a leitura da palavra.

Foto 1 – Paulo Freire iniciando a conversa com os alunos



Fonte: <[www.dhnet.org.br](http://www.dhnet.org.br)>. Acesso em: 15 jun. 2013.

Os trabalhos de alfabetização e conscientização eram feitos de acordo com a localidade escolhida. Assim que o local era definido, uma pesquisa era feita, através de entrevistas com os adultos matriculados.

Foto 2 – Mulheres também participaram





Fonte: < [www.dhnet.org.br](http://www.dhnet.org.br)>. Acesso em: 15 jun. 2013.

As informações adquiridas eram muito importantes, pois eram do cotidiano de cada um e da cultura do lugar, assim era possível saber que tipo de material seria necessário para desenvolver o trabalho.

Uma extensa relação de palavras era obtida na entrevista com os moradores e, assim, se conhecia as particularidades da linguagem usada na localidade.

Foto 3 – Entrevistas



Fonte: < [www.dhnet.org.br](http://www.dhnet.org.br)>. Acesso em: 15 jun. 2013.

Esse levantamento “vocabular” era necessário, pois precedia a seleção das “palavras geradoras”, palavras essas que atendem ao duplo critério da riqueza fonêmica, ou seja procurar dentro do universo do aluno palavras e temas que tenham significados, que tenham o costume de usar em suas vidas, essas sim são as palavras que então servirão de base para serem trabalhadas facilitando o processo de aprendizagem, pois são usadas de acordo com o local.

Um rigoroso estudo e planejamento sobre essas “palavras geradoras” eram feitos para que, através delas, pudessem ser desenvolvidas atividades de alfabetização, em sílabas e, quando necessário, em vogais, e assim os alunos pudessem vir a formar novas palavras. Conforme o método fosse desenvolvido, as dificuldades seriam trabalhadas de forma crescente.

E assim, no desenvolver da aprendizagem, novas possibilidades dessas “palavras geradoras” eram exploradas, fazendo com que as palavras fossem vistas como situações existenciais típicas, como por exemplo, se a escolhida fosse enxada, eram feitas representações através de desenhos, pinturas, fotografias e até mesmo histórias que representasse o uso da enxada, fazendo com que esses alunos compreendessem o sentido das palavras através de interpretação e memorização.

Em Angicos (RN), uma grande experiência foi desenvolvida e algumas “palavras geradoras” foram selecionadas para trabalhar a alfabetização.

#### Quadro 1 - Palavras geradoras utilizadas em Angicos

<b>BELOTA – SAPATO – VOTO – POVO – SALINA – FEIRA – MILHO – TIGELA – GOLEIRO – COZINHA – JARRA – CHIBANA - XIQUE-XIQUE – EXPRESSO – BILRO – ALMOFADA</b>
--

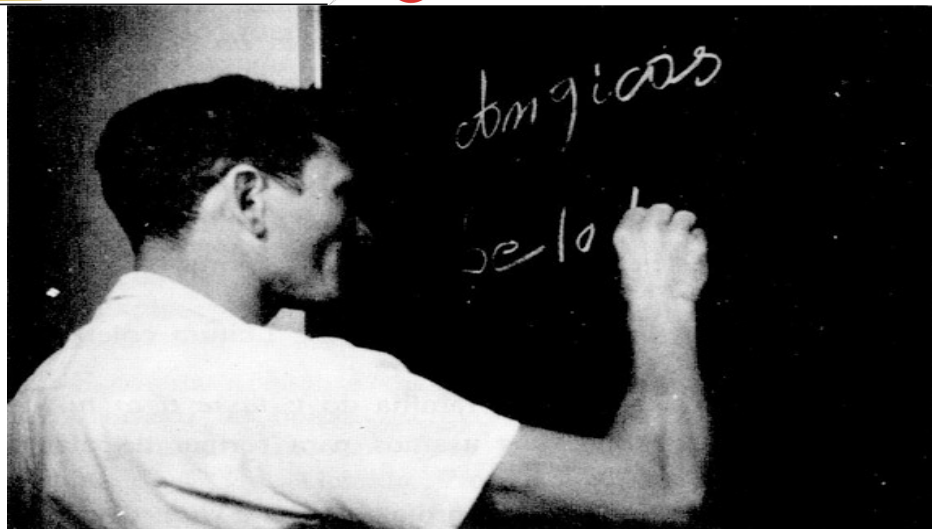
Fonte: Coleção educadores (MEC)

Belota foi a primeira “palavra geradora” apresentada nessa relação cultural, nada mais era do que um enfeite usado em redes e nos rebengues<sup>3</sup> de couro, muito usados na região.

Foto 4 – Aluno escrevendo na lousa

---

<sup>3</sup>Rebengue: trançado com couro cru com 03 argolas de metal, utilizado pelos cavaleiros. Disponível em: <<http://www.ferragensmaia.com.br/index.php/esporas/rebengue>>. Acesso em 15 jun. 2013.



Na primeira hora de alfabetização, o aluno escreve a palavra *belota*.

Fonte: <[www.dhnet.org.br](http://www.dhnet.org.br)>. Acesso em: 15 jun. 2013.

Ainda em Angicos, foi utilizado o projetor de slides, fazendo com que o trabalho fosse desenvolvido através de “experiências existenciais”, método esse com imagens de figuras das “palavras geradoras” que estavam sendo exploradas no momento. As imagens eram mostradas por etapas, numa sequência, onde os slides iam aparecendo para facilitar o processo de ensino aprendizagem, fazendo com que todos pudessem entender o significado da palavra.

Depois que as imagens eram mostradas começava a aparecer somente a palavra, e novamente em uma sequência essa palavra era trabalhada. Por exemplo: primeiramente era trabalhada a palavra: **BELOTA**, em seguida, suas sílabas: **BE - LO - TA**, depois a apresentação da “família” silábica de cada consoante da palavra. Ex: ba-be-bi-bo-bu, la-le-li-lo-lu e .ta-te-ti-to-tu. E, por último, aparecia um slide com vogais: a-e-i-o-u. Desta forma era bem trabalhada a palavra, fazendo com que facilitasse a aprendizagem dos alunos.

De todo esse trabalho desenvolvido, surgiu o “diário” de experiência de Angicos e nele é relatado, além dos slides e associações feitas com figuras e a palavra, como foi o trabalho desenvolvido em sala de aula para uma melhor compreensão. Para ajudar um processo e leitura é feito, para que as sílabas possam ser identificadas, trabalhos com fichas que contém a “palavra geradora” facilita o aprendizado, ajudando com que após todo esse trabalho eles consigam formar outras palavras com a família das sílabas, aqui no caso a palavra BELOTA. (Ex: aba, bala, lata, tatu, aleluia e outras).

Após todo esse processo de identificação e de conhecimento das palavras, começava o processo de escrita. Certamente eles tinham muitas dificuldades, pois não sabiam nem por onde começar, mas de uma coisa eles estavam certos, como escrever be-lo-ta.

Para Ferreiro:

A invenção da escrita foi um processo histórico de construção de um sistema de representação, não um processo de codificação. Uma vez construído poder-se ia pensar que o sistema de representação é aprendido pelos novos usuários, como um sistema de codificação. Entretanto, não é assim, no caso dos dois sistemas envolvidos no início da escolarização (o sistema de representação dos números e o sistema de representação da linguagem) as dificuldades que as crianças enfrentam são dificuldades conceituais semelhantes as da construção do sistema e por isso pode-se dizer em ambos os casos que as crianças reinventam esses sistemas. Bem entendido: não se trata de que as crianças reinventem as letras nem os números, mas que, para poderem se servir desses elementos como elementos de um sistema, deve compreender seu processo de construção e suas regras de produção, o que coloca o problema epistemológico fundamental: Qual é a natureza da relação entre o real e a sua representação? (FERREIRO, 2000, p.12)

E assim no final dos trabalhos elaborados em Angicos (sempre voltado para a realidade local, aspectos sociais, econômicos, políticos, sanitários) foi feito um teste, que apontou uma média de 70% de aproveitamento dos educandos que foram avaliados.

Foto 5 – Após 40 horas de estudos ...a formatura



40ª hora. O ex-analfabeto, Antônio Ferreira, fala em nome dos alunos.

Fonte: <[www.dhnet.org.br](http://www.dhnet.org.br)>. Acesso em: 15 jun. 2013.

Foto 6 – Presidente João Goulart participa da formatura



40ª hora. Discurso do presidente João Goulart.

Fonte: <[www.dhnet.org.br](http://www.dhnet.org.br)>. Acesso em: 15 jun. 2013.

Foto 7 – Paulo Freire explica a sua metodologia



*Abril de 1963: Paulo Freire explica ao presidente e a políticos nordestinos a sua pedagogia dos oprimidos. Sentados, da esquerda para a direita, Miguel Arraes, Clóvis Mota, Seixas Dória, Virgílio Távora, Aluísio Alves e João Goulart.*

Fonte: <[www.dhnet.org.br](http://www.dhnet.org.br)>. Acesso em: 15 jun. 2013.

### 1.3 ATUALIDADE

De acordo com a Lei Federal nº 9.394/96 (LDB) a EJA passa a ser uma modalidade de educação básica nas etapas de Ensino Fundamental e Médio, que tem como fundamento não só alfabetizar os jovens e adultos, mas sim dar oportunidades de escolarização no ensino regular, proporcionando à eles uma educação que possa desenvolver seu sistema crítico e inseri-los no contexto social atual.

Vivemos em uma sociedade que está em constantes mudanças, isso faz com que a vida ou a sociedade exija mais de todos nós, são exigências da globalização, dos avanços tecnológicos e, claro, as mudanças no mundo do trabalho.

Isso tudo fez exigir mais das pessoas, e aqueles que não tiveram oportunidades de estudar na idade certa precisaram voltar à rede de ensino.

Os debates mundiais e parcerias entre UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e algumas universidades brasileiras, discutiram temas e maneiras adequadas para desenvolver um bom trabalho de inclusão social dos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

O que esperam dessa EJA é que alfabetize, possibilitando a todos o acesso à cultura, não só escrita, mas também às informações, das quais foram privados, devido à exclusão escolar, além da preparação para o mercado de trabalho.

## **2. O SER HUMANO ALFABETIZADO**

A Educação, para o homem, é um salto para a liberdade, pois alfabetizado o mesmo é incluído na sociedade, podendo interagir com os outros com mais segurança, sem ter medo de ficar para trás em uma sociedade que evolui cada dia mais.

A educação escolar na vida do ser humano é importante, não só pelo fato de poder ser alfabetizado, mas porque a escola é um lugar privilegiado para que todas as pessoas possam desenvolver o pensamento reflexivo, permitindo com que pessoas de variadas culturas, pensamentos e problemas se misturem e assim, fazendo com que uma com a outra, passem pela necessidade de resolver problemas reais do nosso cotidiano e, dessa forma, fazendo com que todos aprendam algo.

Para Paulo Freire

A educação como prática de liberdade, ao contrario daquela que é a pratica da dominação implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens (FREIRE, 1999, p.40)

Tornar-se um ser humano alfabetizado é mais do que necessário, pois o nosso dia-a-dia e a sociedade em que estamos inseridos, nos cobra isso, não somente para o mercado de trabalho é necessário aprender a ler e escrever, mas torna-se importante para tantas outras atividades, por exemplo, o simples fato de fazer compras, pegar um ônibus, telefonar, ou seja, é importante para as mais variadas práticas sociais, pois estamos rodeados e imersos pela palavra escrita.

Ler e escrever são necessidades de todos, independente da idade, sexo, raça, etnia, grupo social, e isso vem crescendo cada vez mais no país, graças aos avanços tecnológicos,

pela burocratização (é preciso tirar documentos, abrir contas em bancos, por exemplo), pela industrialização, entre outras coisas, que também exigem o conhecimento da leitura e escrita.

Todos os programas de alfabetização são ganhos enormes que todos os menos favorecidos estão tendo, a meta é alfabetizar a todos, fazendo com que os homens sejam capazes de ir e vir por si só, que possam manifestar-se quando necessário, brigar pelo que lhes for de direito e serem incluídos na sociedade como pessoas “normais”.

A alfabetização é uma etapa fundamental para que as pessoas possam adquirir maior autonomia para transitar no mundo da escrita. E assim descobrir as mais variadas formas de conhecimentos, podendo explorar aquilo que tiver vontade, sem esperar que outro alguém possa guiá-lo.

O ser humano que busca o conhecimento evolui rapidamente, tornando-se um cidadão democrático participativo na sociedade em que vive.

## **2.1 O CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO**

Ao longo do tempo o conceito de alfabetização vem se modificando, vem sendo avaliado, e assim definindo-se de modos diferentes. Pesquisas realizadas através de diversos censos demográficos no Brasil nos ajudam a perceber alguns aspectos dessas alterações.

Até 1.940, eram considerados alfabetizados os cidadãos que declaravam saber ler e escrever, e que assinassem o seu próprio nome, para que pudessem comprovar. A partir de 1.950 e até o último censo realizado no ano de 2.000, passaram a considerar alfabetizados os que declaravam não mais ler e escrever, mas sim ler e escrever um texto simples.

Isso nos mostra que os instrumentos de avaliação foram alterados e mudou o enfoque inicial dado ao conceito, ele foi sendo cada vez mais ampliado, pois houve necessidades, tanto sociais quanto políticas, e hoje em dia não é considerado alfabetizado aquele que simplesmente codifica ou decodifica os sinais gráficos, pois esse é um processo contínuo, que não se dá por encerrado nos anos iniciais escolares, é um processo que se estende por toda a vida, e alfabetizar-se vai além de ler e escrever, pois é necessário que o cidadão compreenda os significados e que saiba entender um texto ou um simples bilhete.

“Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho” (FREIRE, 1991, p.22)



Ou seja, para alguns teóricos como Paulo Freire (1998), o termo está ligado à leitura do mundo, já que a linguagem e realidade estão entrelaçadas, pois a compreensão do texto demanda a percepção das relações existentes entre o escrito e o contexto.

Dessa maneira é possível entender que a habilidade de codificar e decodificar não são suficientes para entender o conceito de alfabetizar.

Para Suzana Schwartz:

O conceito de alfabetização se refere à habilidade de ler e escrever, essas são ações que o sujeito desenvolve sobre a linguagem escrita. Ao escrever, primeiramente o autor se volta para o próprio pensamento, organizando-o mentalmente, sistematizando-o. Para concretizar a função da escrita o pensamento tem que sair, ir para fora do sujeito. Isto não significa que o pensamento sempre precede a escrita, enquanto escrevemos pensamos. Por isto, a escrita é muito mais do que a representação gráfica de um código. (SCHWARTZ, 2010, p. 24,25)

Ler e escrever são processos de aprendizagem que acontecem ao longo de toda nossa vida, e sem uma idade certa para acontecerem.

## **2.2 O ALFABÉTICO FUNCIONAL**

A partir das últimas décadas, percebeu-se que mesmo em países desenvolvidos onde os índices de analfabetos é quase zero, tinham alunos que já haviam concluído o ensino básico, e mesmo assim não estavam preparados para fazer o uso de leitura e da escrita nas mais variadas situações do cotidiano.

Pesquisas como essas nos ajudam a entender que não basta ter domínio do código escrito, pois no caso do Brasil um cidadão alfabético precisa ser capaz de ler, produzir e compreender textos diferentes, sujeitos que se apropriem da escrita alfabética, não somente pelo simples fato de ler e escrever, mas sim através de reflexões.

E assim a UNESCO utilizou o termo alfabético funcional para definir cidadãos que desenvolvam a capacidade de utilizar a leitura e escrita em suas vidas como um todo, sendo capazes de aprender e desenvolver-se com diversas situações que se depararem na sociedade, tendo com isso uma melhora qualitativa e continua em suas vidas.

O INAF (Indicador de Analfabetismo Funcional) tem seus métodos para definir os conceitos de analfabetismo, definindo seus índices.

Analfabetos absolutos: 7% dos brasileiros de 15 a 64 anos – Sujeitos que não conseguem realizar tarefas que envolvam a leitura de simples palavras e frases.

Analfabetos nível rudimentar: 19% dos brasileiros de 15 a 64 anos – Sujeitos que desenvolveram a capacidade de localizar uma informação explícita em textos curtos.

Alfabetismo nível básico: 47% dos brasileiros de 15 a 64 anos- neste nível os sujeitos podem ser considerados funcionalmente alfabetizados, pois leem e compreendem textos de média extensão, localizam informações, mesmo que seja necessário realizar pequenas inferências. No entanto, apresentam limitações quando as operações requeridas envolvem maior número de elementos ou relações.

Alfabetismo nível pleno: 28% dos brasileiros de 15 a 64 anos - são capazes de compreender e interpretar elementos usuais da cultura escrita: leem textos mais longos e complexos, relacionando suas partes, comparam e interpretam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e sínteses. (SCHWARTZ, 2010, p.26, 27)

A partir da década de 90, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) seguiu as recomendações da UNESCO e passou a divulgar também índices de alfabetismo funcional, utilizando como critérios para a avaliação os números de séries concluídas. Nesse tipo de censo, são considerados analfabetos funcionais, as pessoas com menos de quatro anos de escolaridade.

Dessa forma é possível perceber que, por mais que o contexto de alfabetização seja um tema de complexidade, a maioria refere-se ao sujeito alfabetizado àquele que tem habilidade para produzir, ler e compreender diferentes tipos de textos, isso porque com menos de quatro anos de escolaridade não seria possível tantas habilidades.

A população brasileira é de, aproximadamente, cento e noventa milhões de pessoas, e desses cidadãos 72% apresentam algum tipo de analfabetismo funcional. O termo analfabeto funcional é usado para designar aqueles que sabem decifrar o código linguístico, mas não conseguem usá-lo com eficiência, pois os mesmos não são capazes de compreender o que leem. Dependendo do grau de alfabetização que se encontra o analfabeto funcional consegue decodificar as letras e, às vezes, algumas frases e textos pequenos.

De acordo com a Unesco, alfabeto funcional é toda a pessoa que, apesar de reconhecer e escrever o código, o próprio nome e ler e grafar algumas frases é incapaz de interpretar o que lê, pois não consegue extrair o sentido das palavras e nem escrevê-las. (PRIETO, 2008)

Antes de serem mais pesquisados, e quando ainda o assunto não era tão discutido, pensava-se que, os analfabetos funcionais, eram indivíduos maiores de quinze anos e os que ainda estavam nos primeiros anos do ensino fundamental, mas hoje com o foco voltado ao assunto já sabem que existem analfabetos funcionais até com graduação em nível superior. E em virtude desses resultados, vêm os problemas, pois um país em desenvolvimento e industrializado, exige muito dos cidadãos, inclusive no mercado de trabalho. No Brasil, a realidade desse problema é alarmante, e as consequências são nítidas em relação ao grande números de desempregados.

Portanto, para evitar maiores constrangimentos e dificuldades a esses cidadãos, tanto na vida social quanto âmbito profissional, pensa-se sobre a necessidade de otimização na educação, desde a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental, no que diz respeito à escrita e principalmente à leitura com compreensão, pois isso trabalhado nas fases iniciais ajuda a estimular e a desenvolver jovens em nível pleno de alfabetização, que hoje no país, segundo as pesquisas feitas pelo INAF, ainda tem um grande índice.

Para que o numero de analfabetos funcionais diminua, o mais importante a ser feito em questão da alfabetização não é somente preocupar-se com as estatísticas e sim com a qualidade de ensino que esses alunos recebem nas escolas.

Essa preocupação deveria ser uma questão principal para os governantes, pois, preocupando-se com a formação adequada e de qualidade dos indivíduos (fazendo com que os mesmos se tornem capazes de realizar suas atividades como cidadãos), automaticamente serão participantes efetivos da sociedade, sabendo-se que o analfabeto funcional é aquela pessoa que não consegue “funcionar” nas práticas letradas de sua comunidade, embora seja alfabetizado.

### **2.3 O ALFABÉTICO SOCIAL**

O processo de aprender é algo tão normal e permanente em nossas vidas que mal nos damos conta do quanto aprendemos, e de tudo que assim realizamos. Quase nunca paramos para refletir como isso aconteceu, e que nem toda aprendizagem acontece no ambiente escolar ou ainda como muitos pensam somente na infância.

Para Paulo Freire:

Se antes a transformação social era entendida de forma simplista, fazendo-se com a mudança, primeiro das consciências, como se fosse

a consciência, de fato, a transformadora do real, agora a transformação social é percebida como processo histórico em que subjetividade e objetividade se prendem dialeticamente. Já não há como absolutizar nem uma nem outra. (FREIRE,1993,p.30)

Desde o momento do nascimento já iniciasse o processo de aprendizagem que vem estender-se por toda a nossa existência, acaba sendo algo tão normal e contínuo que se passa despercebido, pois diariamente, realizamos os mais diferentes tipos de aprendizagem. Lidamos com várias situações durante nossa vida, e as condições, limites e desafios nos ajudam a aprender.

Os elementos mais variados de ordem pessoal, e social estão envolvidos no processo de aprendizagem, muitas vezes acabamos nem notando mas são essas experiências que nos fazem sermos seres únicos e com atitudes, pois cada um carrega uma bagagem, e conforme vai vivendo e convivendo com o próximo, ensina algo para alguém e tira um proveito pra si próprio.

E então assim nos tornamos seres capazes de refletir, tomar decisões, agir e levar uma vida com autonomia, planejando um futuro e desempenhar papéis sociais.

Já dizia Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE,1981, p.79)

Existem elementos e invenções humanas que muitas vezes estão disponíveis com fácil acesso, e outros nem tanto, mas todos elementos marcante de aprendizagem, hoje em dia com a tecnologia podemos destacar o computador como uma ferramenta ou um elemento de grande importância, pois nos ajuda e facilita muito pra que possamos aprender.

Mas é necessário destacar a importância de um principal elemento nesse processo de ensino aprendizagem, que é o próprio ser humano, ou seja, para que possamos aprender as coisas básicas da vida precisamos do outro, pois nas ações que realizamos e aprendemos são elas que nos conduzem e apoiam, por terem já vivenciado ou mesmo uma experiência a mais na cultura em que vivemos.

Sempre tem alguém que pode nos passar alguma coisa que ainda não sabemos, precisamos estar abertos para novos conhecimentos, pois desde uma mãe ensinando o seu ofício a uma filha, a um colega ensinando como usar a calculadora, e até mesmo a amarrar os tênis. E é assim que por meio de outras pessoas aprendemos várias coisas e ganhamos experiências para poder passar para outra que ainda não saibam.

Através das relações sociais, produzimos atividades e nos transformamos desde o momento em que nascemos já que neste momento ainda não se dá para saber o que podemos

Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5 – nº 1 - 2014

ser ou fazer, mas conforme vamos crescendo e interagindo com o meio, nos desenvolvemos e aprendemos cada vez mais.

Segundo Paulo Freire:

Ninguém nasce feito, ninguém nasce marcado para ser isso ou aquilo. Pelo contrário, nos tornamos isso ou aquilo. Somos programados, mas, para aprender. A nossa inteligência se inventa e se promove no exercício social de nosso corpo consciente. Se constrói. Não é um dado que, em nós, seja um 'a priori' da nossa historia individual e social. (Disponível em: <<http://paxprofundis.org/livros/paulofreire>>. Acesso em 18 nov. 2013)

Para aprender é necessário estar disposto, pois esse processo se dará por toda a vida, estando certo que sempre é tempo de aprender. Pode-se dizer que muito irá depender da motivação que pode ser dada pela cultura que esse individuo esta inserido, da autoestima, de seus interesses, planos e com o grau de inserção social.

## **2.4 O ALFABÉTICO PLENO**

São considerados alfabéticos plenos aqueles cidadãos capazes de compreender, interpretar, conseguindo ler textos maiores, mais complexos e relacionando suas partes. Das informações obtidas por esses cidadãos, os mesmos conseguem fazer comparações e interpretações, conseguem explicar, compreender e até mesmo produzir diferentes tipos de textos.

Na sociedade em que vivemos, onde as exigências são enormes, as pesquisas nos comprovam o quanto o ensino público deixa a desejar em questão de qualidade, fazendo com que muitos saiam da escola sem saber compreender uma simples frase ou analisar uma pergunta, e assim várias outras compreensões não podem ser compreendidas.

Para entender melhor sobre alfabetismo e letramento é necessário saber sobre seus níveis, fazendo uma reflexão sobre os conceitos de alfabetização, alfabetismo (competência/capacidade de leitura e escrita) e também sobre os múltiplos letramentos.

Pode-se definir alfabetização pela ação de se apropriar do alfabeto, da língua que se fala e da ortografia, isso pode significar o fato de dominar um sistema de representações e de regras entre letras (grafemas) e sons da fala (fonemas) de uma determinada língua.

Na primeira metade do século passado, bastava assinar o próprio nome para ser considerado alfabetizado e assim viver na sociedade, nessa mesma época tinham acesso a Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5 – nº 1 - 2014

escolaridade mais longa somente a elite, até 1.950 a maior parte da população brasileira (52%) vivia em situação de analfabetismo, e boa parte dos 42,8% restantes sabiam apenas assinar o nome e escrever pouca palavras.

E então com a mudança no mundo do trabalho industrial as exigências foram crescendo, e a necessidade por mudanças no aspecto alfabetização era imediato.

Segundo Soares,

À medida que o analfabetismo vai sendo superado, que um número cada vez maior de pessoas, aprende a ler e a escrever, e à medida que, concomitantemente, a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita (cada vez mais grafocêntrica), um novo fenômeno se evidencia: não basta aprender a ler e a escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática de leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita. (SOARES, 1998, p. 45-46)

Em 1.958, a UNESCO constata que conhecer o alfabeto e saber codificar e decodificar palavras escritas é insuficiente para as lidas urbanas e modernas. Essas exigências passaram a ser requeridas pelo mercado de trabalho nas indústrias e para viver melhor nas cidades, então a leitura e compreensão de instruções simples passam a ser essenciais, pois tais competências são necessárias para, por exemplo, ler as placas com preços nas feiras, supermercados e outros lugares.

Vinte anos depois, em 1.978, a mesma UNESCO, nas recomendações revistas, reconhece que muito depende da vida e cultura do grupo ou da comunidade, para que as competências e capacidade de leitura e escrita sejam envolvidas nas atividades letradas, qualificando como funcionalmente alfabetizada a pessoa capaz de:

Se engajar em todas as atividades nas quais a alfabetização é requerida para o efetivo funcionamento do grupo e da comunidade e também para capacitá-la a continuar a usar leitura, escrita e cálculo para seu próprio desenvolvimento e o da comunidade. (UNESCO, 1978 apud RIBEIRO, 1.997, p.155)

A pessoa plenamente alfabetizada ou letrada, consegue desenvolver todas as atividades exigidas pela sociedade, consegue viver em grupo e tem autonomia, participa de atividades práticas letradas muito diversas, que vai do simples fato de compreender um anúncio de mercado à retirada de dinheiro com cartão magnético num caixa bancário

eletrônico; de admirar a vitrine de uma loja a ver um filme legendado; de tomar um ônibus a ler um livro de romance, o que requer e exige competências e capacidade de leitura e escrita mais amplas.

É possível participar de atividades e práticas letradas sendo analfabeto, podemos dizer que quase tudo que se faz na cidade envolve de uma forma ou de outra a escrita, sejamos ou não alfabetizados. Analfabetos tomam ônibus, olham os jornais em bancas e até retiram o dinheiro com cartão magnético, no entanto para compreender, analisar as práticas escolares, informações jornalísticas impressas, a literária, a burocrática, é necessário mais do que ser alfabetizado, como também desenvolver níveis de alfabetismo, e é justamente com a prática dessas atividades que esses níveis são desenvolvidos.

Lembrando que depende muito da cultura de cada um, de onde esse indivíduo está inserido, da forma com que ele se relaciona com a sociedade e então cada um desenvolve o nível de alfabetismo permitido, pois são poucos brasileiros que têm acesso ao livro, a jornais, a museu, teatro e cinema. Mesmo o país tendo tantos avanços tecnológicos, infelizmente muitas coisas que proporcionam cultura não são pra todos.

A escola, portanto, torna-se uma ferramenta importante na vida das pessoas, funcionando como agência de democratização de letramentos. O conceito de letramento passa ao plural: deixamos de falar “letramento” e passamos a falar “letramentos”, pois são muitos os contextos, as comunidades e culturas, são também muito variadas as práticas e os eventos letrados que circulam na sociedade.

Letrar consiste em criar eventos que possam integrar os alunos às práticas de leitura e escrita, que estes ainda não dominam, já as escolas podem trabalhar os letramentos através de atividades de leitura e escrita; leitura e produção de texto, mapas; ou que envolvam o trato prévio com textos escritos, como é o caso de telejornais, seminários e apresentações teatrais.

Ensinar a ler é ensinar estratégias, o esperado é que os alunos dos primeiros e dos segundos anos, que são as turmas de alfabetização, possam passar para a próxima turma sabendo, pelo menos, ler textos curtos de temas familiares. As próximas séries que se sucedem às de alfabetização têm outro desafio, que é o de fazer os alunos lerem compreensiva e criticamente textos cada vez mais longos, com frases e períodos complexos, de diversos temas e de vários gêneros, fazendo com que esses alunos possam sair da escola considerados alfabéticos plenos, ou seja, letrados capazes de compreender até mesmo as coisas complexas.

Para Mesquita:

Em toda comunicação deve existir alguém chamado emissor, que transmite uma informação ou mensagem. Também deve existir alguém, chamado receptor, que recebe e entenda. Quem fala e escreve é o emissor; quem ouve ou lê é o receptor. Mensagem é aquilo que se comunica através das palavras de nossa língua ou através de outros sinais. (MESQUITA, 1978, p. 27)

### **3 A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO NA INSERÇÃO SOCIAL DO INDIVÍDUO: LIMITES E POSSIBILIDADES**

Uma das principais funções da escola, segundo esperado de todas as sociedades democráticas, é a de formar o futuro cidadão. Mesmo porque o fato de terem nascido e sendo membros de uma sociedade politicamente autônoma, tendo direitos e deveres formalmente reconhecidos, não nascemos sabendo disso e se, ao longo da vida, continuarmos a ignorar esse fato, jamais nos constituiremos plenamente como cidadãos.

Daí, vem a necessidade de ter uma formação escolar, pois é o processo ensino-aprendizagem que irá nos ajudar a participar direta e indiretamente da vida em sociedade, que envolve vários fatores como: política, economia, cumprimento de direitos e deveres, intimamente associados à cidadania e se não nos tornamos cidadãos participantes os seremos apenas no papel. Onde não há efetivo exercício de direitos e deveres, não pode haver cidadania plena. E então a escola é a principal instituição socialmente encarregada de dar concretude ao cidadão abstrato, das constituições, leis e estatutos.

Ser alfabetizado, atualmente, é muito importante e imprescindível, pois a escrita é uma das principais ferramentas utilizadas para a comunicação entre as pessoas. A sociedade exige que sejamos letrados, pois no cotidiano todas as pessoas se deparam com a necessidade de ler e escrever, estamos cercados pela palavra escrita.

Para que a pessoa possa ter autonomia, independência e tornar-se um cidadão crítico, é necessário que estude, pois tanto em casa, na rua, no trabalho, nos espaços de lazer, nas práticas sociais mais variadas, exigem de nós o conhecimento.

Quantas vezes no dia nos deparamos com letras e números? Refletindo e analisando essa pergunta, podemos ter uma noção do quanto é importante se tornar parte da sociedade letrada, onde a leitura e a escrita ocupam um lugar cada vez mais importante. Antigamente as exigências não eram tantas quanto hoje, devido à evolução, tecnologia, pela burocratização (é necessário tirar documentos, abrir contas em bancos etc) e pela industrialização.

Segundo Paulo Freire,



Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição de dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (FREIRE, 2003, p. 69)

A realidade da leitura e da escrita é para todos, sem exceção e, ainda assim, mesmo sabendo o quanto é essencial para todos, continua sendo enorme o número de brasileiros de 15 anos ou mais que não a domina.

Para que essa realidade seja transformada, exige esforço de todos, principalmente do governo, na implantação de políticas públicas sociais e algumas ações que promovam uma educação de qualidade, que venha atingir todos os brasileiros, inclusive a classe mais pobre, que são os mais desfavorecidos quando se trata de educação, e então é essencial que essas ações possam combater a pobreza, devido essa ser uma das principais causas do analfabetismo.

Para Paulo Freire,

Mudar é difícil mas é possível, que vamos programar nossa ação política-pedagógica, não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se de evangelização, se de formação de mão de obra técnica. (FREIRE, 2000, p. 81)

Outro fator de extrema importância que se deve lembrar, é que para a educação ser plena e para esse cidadão ter sucesso são necessários outros fatores, como a garantia de emprego, ter acesso aos bens sociais como saúde, moradia, lazer, entre outros.

Ser alfabetizado é ser livre, é ter autonomia de sua própria vida, é poder ir e vir, buscar pelo melhor, tornar-se sujeito de sua própria história, atualizando-se tecnologicamente e, assim, podendo inserir-se no mercado de trabalho e evoluir cada vez mais como cidadão.

Em busca de tudo isso e com propostas de garantir um bom futuro, inserindo-se na sociedade tanto como cidadão, quanto um bom profissional que esses indivíduos voltaram a procurar a escola, através da EJA.

A maioria das pessoas que procuram a EJA tem entre 15 e 29 anos, visando a melhoria de empregos, outros para o tão esperado primeiro emprego, já alguns estão fazendo apenas para acelerar o processo que trará o diploma escolar.

Para Melo,

A alfabetização da história oficial, via campanhas ou via ensino público regular, tem sido planejada a partir de uma fala apropriada de grupos de trabalhadores e, por isso, nada mais tem significado, na prática, do que uma alfabetização mecânica, funcional em que o ato de ler e de escrever tem se transformado em simples aquisição de algumas habilidades técnicas, motoras, cujo objetivo tem sido direcionado para o aumento da produtividade do sistema. A alfabetização - como mero valor de produtividade - tem condicionado os trabalhadores a aceitarem, em muitos momentos, as regras e as imposições do capital. Tem-se armado, portanto, um jogo de linguagem em que a apropriação e a submissão têm adquirido várias faces. (MELO, 1997, apud SOUZA, 2011, p.19)

Em qualquer momento da vida, o acesso à educação é um direito de todos e, com certeza, é o que irá fazer com que os cidadãos se tornem participativos de uma sociedade que já é sua por direito, só basta adquirir o conhecimento para viver democraticamente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a pesquisa realizada para este trabalho, percebemos que a educação de jovens e adultos tem muito para crescer e achar o seu merecido lugar, com o apoio de todos e considerando-a uma educação tão importante quanto a obtida na idade correta.

Mas podemos perceber que ela mudou muito desde o seu início na década de 30, onde somente uma parte de sociedade podia estudar. Devido às mudanças econômicas, com o crescimento da industrialização, a alfabetização passou a ser praticamente uma necessidade e a procura por escola, dos adultos e jovens que não conseguiram concluir o ensino na idade certa, começou a aumentar.

Mas, mesmo assim, ainda é assustador o número de analfabetos no Brasil, entre eles uma grande parte é de jovens entre 15 e 17 anos, que por vários motivos acabam desistindo de estudar, sabe-se que muitos desses jovens precisam trabalhar para ajudar em casa, outros desistem por morarem longe da escola, e muitas das meninas, por terem engravidado muito jovens.

A exigência da sociedade e do mercado de trabalho por pessoas instruídas, por cidadãos que tenham concluído no mínimo o Ensino Médio, ajudou a fazer com que grande parte desses jovens e adultos, voltassem a estudar, e assim essa procura vem crescendo cada vez mais.

A alfabetização na vida da pessoa tem um enorme peso e valor, pois, somente adquirindo a educação formal, inserindo-se no âmbito escolar, e convivendo com varias pessoas de diferentes tipos de cultura, podemos nos tornar cidadãos realmente capazes de encarar o mundo, e ter nossa autoestima renovada. Pois infelizmente ainda hoje em dia nos deparamos com o preconceito, e aqueles que não sabem ler ou escrever e que não entende nem um pouco se quer do que é ser um cidadão participativo da sociedade, enfrentam alguns problemas e muitas vezes são taxados de “burros”.

E assim, então, percebemos o quanto o ser humano precisa deixar de lado as dificuldades e correr atrás do tempo perdido, pois nunca é tarde para recomeçar e a EJA esta disponível para isso, para ajudar a todos aqueles que por vários motivos não conseguiram começar e nem terminar os estudos na idade certa, e que assim concluindo essa etapa em suas vidas, esses cidadãos só tem a ganhar, pois terão o seu merecido lugar junto a sociedade, e podendo aproveitar de todos os benefícios que aqueles que tem o conhecimento necessário podem adquirir, um desse benefícios sem duvida é um bom emprego, que sabemos que devido as mudanças no nosso pais e no mundo, para que possa arrumar um emprego de qualidade precisamos estudar, não tem outro jeito.

Muitos ainda por mais que estudaram, e frequentaram a escola, saem dela sendo alfabético funcional, ou seja, leem pouco escrevem mal, e não conseguem se quer compreender uma frase, ou entender um texto, essa é a atual situação de uma grande parte dos brasileiros.

Já o alfabético social, adquire o conhecimento e a aprendizagem, através da interação com o meio, e com outro ser, pois estamos em constante evolução, desde o momento em que nascemos começamos a ganhar conhecimento. Nem tudo o que aprendemos, o fazemos na escola, pois para desenvolvermos, e criar laços de afeto, carinho, é necessário o convívio, e então assim podemos dizer que não conseguiríamos nos manter vivos por muito tempo sem uma ou mais pessoas em nossa volta.

E então assim a escola, os professores estão dispostos a fazerem de nós cidadãos plenamente alfabetizados, que é o termo dado para a maioria da população, que são aqueles que leem, escrevem, compreendem, interpretam, e até conseguem explicar algo para outra pessoa. Essas pessoas plenamente alfabetizadas conseguem viver com mais tranquilidade e autonomia, fazendo desse saber, um requisito a mais para dar continuidade aos estudos, e assim podendo fazer, vários outros cursos, faculdades e até mesmo uma pós-graduação, ou seja não existe limites para um individuo letrado, ele pode ser o que quiser, consegue os

melhores empregos e convive de acordo com a sociedade, que hoje em dia exige bastante de todos nós.

## Referências

BARCELOS, Valdo. **Formação de professores para educação de jovens e adultos**. 5ª ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2012.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Coleção Educadores** - Paulo Freire. Recife: Massangana, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação, SEED. **Salto para o futuro: Educação de Jovens e Adultos**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília, 1999.

CORTI, Ana Paula; VÓVIO, Claudia Lemos. **Jovens na alfabetização: para além das palavras, decifrar mundos**. Brasília: Ministério da Educação/Ação Educativa, 2007.

FREIRE, Paulo. **A educação como prática da liberdade**. 23ª Ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**, 42ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 27ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000, 6ª reimpressão.

PRIETO, Andrea Cristina Sória- **Analfabetismo funciona I- Uma triste realidade de nosso país**. 2008. Disponível em: <[www.webartigos.com/artigos/ler-e-escrever](http://www.webartigos.com/artigos/ler-e-escrever)>. Acesso em 20 jun. 2013.

RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Coleção Explorando o Ensino: Língua Portuguesa; Volume 19**. (Coord). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

SILVA, Rosilea Mendes da. **Ler e escrever: formando cidadãos alfabetizados funcionais**. Disponível em <<http://www.webartigos.com/artigos/ler-e-escrever-formandocidadaos-alfabetizados-funcionais>>. Acesso em 17 jul. 2013

SOUZA, Antonia Maria de. **Educação de jovens e adultos**, 2ª ed. Curitiba: Ibpex, 2011.

SUZANA, Schwartz. **Alfabetização de jovens e adultos: teoria e prática**, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.